

O EU APAIXONADO: A escolha e o significado da atividade de lecionar lí e a afinidade com a língua e a profissão

THE PASSIONATE SELF: The activity of teaching English as a foreign language and the affinity with language and profession

EL YO APASIONADO: La actividad de enseñar lengua inglesa (lí) y la afinidad con la lengua y la profesión

Rosemeire Parada Granada Milhomens da Costa

Doutorado e Mestrado em Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Tocantins e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jandaia do Sul-PR. É professora e pesquisadora da Universidade de Gurupi-UNIRG, onde atua no curso de Letras e integra o grupo de pesquisas Processos Educativos da Universidade Unirg. Tem experiência como docente na área de linguística aplicada ao ensino de línguas, língua inglesa e estágios supervisionados de língua inglesa. Nos trabalhos atuais tem pesquisado a formação de professores de LE e questões acerca do tema. Temas de interesse: Formação de Professores de LE, Identidades, Crenças e Cultura. meiregranada@unirg.edu.br.

 0000-0001-8761-4862

Karylleila dos Santos Andrade

Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo, Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo 2000 e graduação em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins UNITINS. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras – PPG Letras da Universidade Federal do Tocantins e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Antropologia Linguística (Etnotoponímia), atuando principalmente nos seguintes temas: léxico, toponímia, interdisciplinaridade, ensino e educação. karylleila@uft.edu.br.

 0000-0001-6920-9206

Correspondências: R. Antônio Nunes da Silva, 2195 - Res. Parque das Acácias, CEP: 77.425-500, Gurupi, TO – Brasil; 108 Norte Alameda 8 lote 11 CEP: 77.006-110, Palmas, TO – Brasil.

Recebido em: 26.02.2023.

Aceito em: 01.05.2023.

Publicado em: 26.05.2023.

RESUMO:

Este artigo se insere no campo de estudos da Linguística Aplicada LA e tem como objeto de pesquisa discutir o auto-olhar do profissional de Língua Inglesa LI, ou seja, o delineamento de suas identidades, tendo em vista o cenário da globalização pós-moderna. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa no qual foram entrevistadas quatro professoras de uma escola de inglês de curso livre da cidade de Gurupi, estado do Tocantins, nomeadas como P1, P2, P3 E P4. O objetivo geral é conhecer o profissional de escolas de idiomas e compreender como elas lidam com as próprias identidades de professoras de LI e com a responsabilidade cultural e social de ensinar uma língua estrangeira. O suporte teórico para este trabalho foi ancorado em teóricos como: Bauman (2005), Celani (2006), Leffa (2012), Rajagopalan (2014) entre outros. Os resultados demonstraram que as participantes apresentaram uma relação íntima de admiração pela língua, além disso, identificamos que questões sociais e/ou ideológicas que permeiam as identidades dessas profissionais são temas pouco discutidos e relativamente novos para elas, por conseguinte, causando uma precária reflexão em suas práxis pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Professor de Língua Inglesa; Identidades; Emoções; Profissão.

Introdução

Os cursos livres, no Brasil, são espaços que se destinam a ensinar Língua Estrangeira (LE) de modo a levar seus estudantes à proficiência em um determinado idioma. Sendo assim, os professores que trabalham nesses cursos são indivíduos reconhecidos pela sociedade em geral e, também, por seus empregadores por suas habilidades em uma outra língua que não a sua língua materna.

Quando pensamos no professor de Língua Inglesa (LI) de cursos livres, foco dessa pesquisa, voltamos o olhar para um profissional que é visto sob diferentes óticas ao longo de sua carreira, sejam elas boas ou ruins, duvidosas ou acreditadas, fato esse que pode influenciar negativa ou afirmativamente na formação identitária-profissional desse indivíduo. Entretanto, o foco norteador desta pesquisa não é apenas o olhar do “outro” para esse profissional, mas também o olhar para si mesmo, ou seja, a percepção da construção dessa imagem profissional vista sob diferentes ângulos, a saber: o olhar das participantes da pesquisa, da pesquisadora e da sociedade, considerando o cenário da globalização pós-moderna.

Esta pesquisa, do tipo estudo de caso, de natureza qualitativa, teve como objetivo identificar, na materialidade linguística, como as professoras, sujeitos do estudo, lidam com as próprias identidades de professoras de LI e com a responsabilidade cultural e social de ensinar uma língua estrangeira. Para que pudéssemos discutir o problema levantado nos propusemos a trabalhar com uma abordagem discursiva sobre identidades dentro do panorama da Linguística Aplicada (LA), tomando também como base o conceito de pós-modernidade, cunhado na sociologia, por Bauman (2000, p. 115).⁷ Trabalhos da área de Linguística Aplicada ao ensino de línguas, como Leffa (2006), Paiva (2010), Barcelos (2015) e Rajagopalan (2014) nos deram suporte teórico a essa pesquisa, bem como também nos ajudaram com outros olhares e experiências acerca do tema.

Percurso Metodológico

A presente pesquisa optou por trabalhar com um viés descritivo, dentro de uma abordagem qualitativa de campo, por entender a realidade como complexa e constituída por sujeitos e suas subjetividades, como também, por compreender que esse tipo de abordagem busca conhecer o comportamento do participante, estudando as suas particularidades e experiências individuais.

A pesquisa foi guiada por um estudo de caso que se justifica por ser uma metodologia que permite investigar mais profundamente assuntos particulares, não se limitando a perguntas que induzam às respostas diretas e fechadas, interessando a forma de tratar e de interpretar os dados. Tal recurso configura-se como investigação social, cujas dimensões são apontadas por Bauer e Gaskell (2002).

A escolha pelo centro de idiomas Centro de Cultura Anglo Americana CCAA, localizada no município de Gurupi, estado do Tocantins, se deu devido à sua posição como uma das pioneiras no setor de escolas de cursos livres e por conter o maior número

de professores contratados. Outro aspecto importante é que a escola privilegia em seu currículo uma abordagem sociocultural da língua ensinada, evidenciada por atividades e eventos dessa natureza.

Foram selecionadas 4 (quatro) participantes para a pesquisa e o critério de inclusão e exclusão das professoras tomou como base a delimitação de tempo de serviço como professor de LI de idiomas, ou seja, foram priorizados as que apresentaram maior tempo de serviço, não importando se esse tempo de serviço tenha sido cumprido também em outras escolas.

Para os procedimentos de análise e discussão dos dados, este trabalho contemplou quatro fases bem delimitadas de pesquisa: a primeira, aberta e exploratória (com a análise dos currículos das professoras, seus históricos e perfis); a segunda, mais sistemática (com entrevistas exploratórias e roda de conversa); a terceira, com o diário de campo (com registros das observações das aulas); e a quarta, com a análise de conteúdo.

Revisão de Literatura

Identities de professores de língua inglesa

Dentre as várias vertentes associadas às possíveis definições de identidades, podemos defini-la como algo de traços próprios, diferentes, e, ao mesmo tempo, peculiares de um sujeito, pelo fato de viabilizar uma maneira de identificação que está além de somente diferenciar um indivíduo do outro. Barkhuizen (2017) formula um aspecto mais inerente e complexo pertencente à identidade do professor de LI. Ele afirma que o professor que atua no processo de ensino de línguas se descobre em meio a uma diversidade de aspectos, geralmente contraditórios.

Isso acontece pelo fato de ele lidar de maneira dinâmica e interacional com contextos históricos, sendo nesse sentido, “cognitivos, emocionais, sociais, ideológicos, localizados tanto em si mesmo quanto no mundo social, material e tecnológico” (Barkhuizen, 2017, p. 18). Observa o autor que o processo identitário do docente é construído na linguagem e pela linguagem, pois é um procedimento formado pelo uso da língua, ficando claro que, ao se relacionar com o outro, ele está em constante evolução na construção de suas identidades.

Quando o ser humano interage com atitudes e falas, ele também estará conectado aos discursos anteriores, que viabilizará uma criação e/ou recriação de um universo particular com o uso de sua maior riqueza que seria a linguagem. Assim sendo, aquele

que assume o papel do enunciador indaga e responde ao mesmo tempo a enunciados anteriores e futuros, possibilitando que uma nova realidade seja formada diante da reafirmação de suas próprias identidades. Com isso, observa-se que o processo de linguagem é também um processo gerador de conflitos.

Leffa (2012, p. 377) nos sensibiliza para o fato de que “para conviver temos então que provocar uma mudança; ou em nós mesmos ou nos outros. Se formos o lado mais forte, que mude o outro; se o outro for mais forte, mudemos nós”. Em outras palavras, segundo o autor, se eu falo a língua de maior acesso, os que não falam devem se atualizar, caso contrário, sou eu quem deve mudar, e esse pode ser um fator gerador dos conflitos.

Em relação às identidades de professores de LI, elas têm sido um tema recorrente que envolve também outras questões que vão além da sala de aula e da atividade do ensino, pois envolvem também a valorização da profissão. Complementa Celani (2006, p. 32) que “ainda temos que enfrentar uma situação em que essa atividade, o ensino, ainda é encarada, até pelo poder governamental, como simples ocupação, ou ainda, como bico, isto é, um emprego subsidiário”.

Ensinar idiomas em escolas regulares atualmente pode ser considerado um exercício árduo e, por vezes, desvalorizado. Entende-se que, diante de tantos obstáculos enfrentados pelos docentes, assim como o descaso das políticas públicas para com a educação de línguas, esses educadores não são devidamente valorizados. As aulas de idiomas, ao longo do tempo, foram reduzidas, e os profissionais da área têm procurado outros caminhos para se realizarem tanto no profissional como no financeiro e, com isso, o ensino de LI foi se disseminando de forma gradativa nos cursos livres.

As formações identitárias do profissional de línguas é tema amplamente discutido, entretanto é preciso ratificar que falar sobre essas construções identitárias jamais será redundante, uma vez que, na modernidade líquida de Bauman (2005), os sujeitos contemporâneos estão suscetíveis a mudanças e em constantes transformações históricas, ou seja, as identidades dos professores também passam por transformações e propiciam o surgimento de um sujeito que virá “a ser”.

Esse sujeito pode ser idealizado pelo próprio profissional ainda na fase de formação ou ser um sujeito construído na prática e que desmistifica a imagem idealizada. Como cita Barcelos (2001, p. 72), por meio de “ideias, opiniões e pressupostos que alunos e professores têm a respeito dos processos de ensino/aprendizagem de línguas e que formulam a partir de suas próprias experiências”, modelo esse que talvez seja difícil de ser alcançado, o que leva a alguns profissionais a não se darem a chance de testar e

passar pelas diversas possibilidades de (re)conhecimento e (re)construção identitária da sua profissão (Costa, 2014).

Portanto, a realização de investigações sobre identidades, o ensino de LI e as identidades de professores se faz necessário não tão somente para compreender o significado do termo identidades dentro dessa esfera, mas também para entender o processo que se inicia na formação pré-serviço e segue durante toda a carreira profissional. Com isso, os alunos, bem como os professores poderão agir por si só de maneira crítica, dialógica e reflexiva, sendo capazes de realizar seus próprios discursos e não simplesmente reproduzi-los.

A fim de seguir nossa trilha investigativa sobre esse profissional de línguas, analisamos alguns trabalhos sobre estudiosos de ensino de LE dos quais citamos Celani (2006, p. 34) que, em sua pesquisa intitulada *Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão*, apresenta o professor de LE como um graduado com habilidades para manusear o conhecimento de maneira definida, apresentando uma prática reflexiva, construída ao longo de um processo aberto de desenvolvimento contínuo.

Entretanto, consideramos também outros vieses sobre esse profissional, pontuando uma constatação que o envolve, pois, esse profissional tem seu espaço invadido por todos os lados. Segundo Celani (2006), qualquer pessoa pode ser professor, chegando-se ao absurdo de propostas das autoridades de que profissionais de outras áreas, ou de nenhuma, assumam o ensino cujas disciplinas faltem professores.

É necessário ressaltar que os ideais de instituição de ensino nos quais se englobam as universidades também foram impactados pela instabilidade que o mundo pós-moderno apresenta. É válido questionarmos se o *locus* universitário é mesmo capaz de desenvolver todos os aspectos necessários a uma boa formação de professores de LI a ponto de distingui-los dos demais professores em formação.

Sendo assim, pensamos se o professor de LI que passa pelo curso de Letras é a certeza de um profissional com todas as habilidades para a prática do ensino dessa língua que, diante de uma era moderna líquida, é cercada por tantas incertezas e dualidades. Na concepção de Leffa (2006, p. 231), achar que um profissional de Letras possa ser formado nos bancos da universidade é uma ilusão, necessária ou não: "Será necessária na medida em que o professor formador vai precisar dessa ilusão para dar continuidade ao seu trabalho". Possivelmente não há tempo e nem condições para isso na universidade. "A formação de um verdadeiro profissional reflexivo, crítico, confiável e capaz de demonstrar competência e segurança no que faz, é um trabalho de muitos anos, que apenas inicia quando o aluno sai da universidade" (Leffa, 2006, p. 361).

As identidades nacionais/mundiais hoje são plurais pelo próprio advento da globalização e, de acordo com Bauman (2005, p. 32), “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”. A identidade brasileira, assim como qualquer identidade, não pode ser entendida como uma essência imutável ou sempre idêntica.

Segundo Leffa, (2012, p. 56), um exemplo disso é perceber que, no passado, o ideal de brasilidade estava em aproximar-se ao máximo dos padrões europeus com o intuito de elevar o país aos níveis de cultura da Europa. “Posteriormente, a necessidade de enaltecer um país recém-liberto, ansioso por desenvolver as suas potencialidades e afirmar-se perante as demais nações teriam sido as causas que originaram a brasilidade” (Leffa, 2012, p. 56).

A identidade profissional é um aspecto que está associado às trajetórias individuais, envolvem contextos sociohistóricos do sujeito que atua como educador, é uma evolução contínua e subjetiva, um processo de construção e reconstrução dentro do âmbito da docência, diante da multiplicidade de imagens e autoimagens que o educador tem da profissão e de si mesmo.

Diante disso, afirma Day (2004) que, quando não me conheço, não posso conhecer meus alunos, ou seja, os vejo por meio de um vidro escuro, portanto, se não os vejo bem, não posso ensinar bem. Segundo ele “quando não me conheço a mim mesmo, não posso conhecer a minha disciplina, não nos níveis profundos que estão alicerçados no significado pessoal” (Day, 2004). Entendemos que os processos identitários do professor de LI, segundo afirma Day (2004), envolvem fatores acerca de “quem ele é e o que ele é”. Nesse sentido, busca-se compreender qual o significado do trabalho para o mesmo e qual o significado das atribuições que os outros lhe conferem, ou seja, o que a sociedade imagina que compete ao professor de LI.

Enfim, nesse delinear de concepções sobre as identidades de professores de LI, é relevante ressaltar que os fatores psicológicos e sociológicos que compõem essas identidades, como crenças, emoções e discursos, não devem ser desconsiderados nos documentos curriculares de formação, uma vez que estamos lidando com pessoas e ações que impactam diretamente outras pessoas. Por isso, o processo de construção das identidades, tanto de maneira individualizada quanto em grupo, acontece a partir de uma compreensão abrangente que envolve conhecimento de vida e práticas.

Resultados e Discussão

Conforme explana Moita Lopes (2006, p. 20), “quem ensina inglês não pode deixar de se colocar criticamente em relação ao discurso dominante que representa a internacionalização do inglês como um bem, um passaporte para o primeiro mundo”. Quem ensina inglês não pode deixar de considerar as relações de seu trabalho com a expansão da língua, avaliando criticamente as implicações de sua prática na produção e reprodução das desigualdades sociais. Acrescentamos ainda mais uma reflexão: quem ensina inglês não pode deixar de se perguntar se está colaborando para perpetuar a dominação de uns sobre os outros. Moita Lopes (2006, p. 20) destaca ainda que “aqueles que trabalham com o ensino de inglês não podem reduzi-lo a questões sócio-psicológicas de motivação, a questões metodológicas, a questões linguísticas”.

Nesta seção, vamos dar enfoque às discussões voltadas para esse profissional que transita pela realidade exposta acima com a responsabilidade de comunicar-se e ensinar a língua do outro, mas com a tarefa de se emancipar de amarras sociais que, em alguns casos, sobrepõem uma língua a outra, bem como um povo sobre o outro.

No decorrer deste trabalho, refletimos sobre questões que elevavam o professor de LI a um patamar de status e de reconhecimento da sociedade, entretanto, é preciso salientar que não há somente pontos positivos nesse imaginário. Há também situações em que o professor é discriminado e desvalorizado, como sendo parte de uma classe menos influente e menos politizada.

Cox e Assis-Peterson (2001) apontam que, no Brasil, há um movimento em torno de uma pedagogia crítica principalmente com professores envolvidos com a língua materna. Porém, o mesmo não acontece com professores de LI, os quais permanecem à margem desse movimento “sendo inúmeras vezes rotulados de alienados, acrílicos, apolíticos, reacionários, partidários da direita, agentes do imperialismo americano [...]. Entre os intelectuais politizados, o professor de inglês é suspeito de ter ‘vendido a alma para o diabo’”. (Cox, Assis-Peterson, 2001, p. 7).

Pretendemos com este trabalho identificar qual a relação dessas professoras com a LI e como se deu a escolha pela profissão. Entendemos que as 4 (quatro) participantes apresentaram uma relação íntima de admiração pela língua ao afirmar suas paixões por ela e apresentando uma ligação primeiramente afetiva, em maior ou menor grau. Alguns dos trechos simbolizaram essa ligação afetiva com a língua mesmo antes que elas lecionassem, quando destacavam a paixão como elemento principal da fala das participantes, o que nos possibilitou julgar uma relação de afetividade entre as professoras e seu objeto de trabalho.

Retiramos das entrevistas alguns trechos que simbolizam o sentimento dessas professoras em relação a LI antes mesmo que elas lecionassem, ou seja, uma memória afetiva que as liga à língua desde muito cedo mesmo antes de pensarem em se decidir por uma profissão: “paixão que me comoveu por essa língua” (P2); “obviamente que a minha paixão é a língua” (P1); “como eu gostava tanto da LI, eu me lembro perfeitamente da minha professora” (P3); “na minha sala acho que era a única que gostava de inglês” (P4).

É do senso comum que o contato com uma LE possibilita contatos com várias culturas, civilizações e valores diferenciados que constituem os sujeitos professores de LI na atualidade a partir de “discursos e enunciados ideologicamente marcados na sua historicidade das pluralidades linguísticas e das múltiplas identidades no mundo globalizado” (Rajagopalan, 2005, p. 58). Pensamos, então, em como esse contato, seja em qual for a fase da vida, pode alterar nossas emoções em relação a essa língua.

Tomando as palavras de Rajagopalan (2005, p. 69): “quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa”. Isto é, as identidades se constroem passo a passo, não é algo dado ou estático, elas estão em constantes movimentos e a língua/linguagem acompanham essas mudanças por terem características sociais.

Questionamos também se a ligação afetiva com a língua era fator determinante para a escolha da profissão. Entendemos que as quatro participantes demonstraram admiração pela língua desde tenra idade, o que nos levou a entender que, diante desse quadro, a identidade que primeiro se formou nas entrevistadas foi a de falante da língua, identidade essa formada por questões afetivas e gosto pela língua.

Veamos o que as entrevistas nos mostram quanto a esses aspectos:

P1: Então eu fiquei assim: “gente, mas é muito interessante...”. Só que parecia que eu queria mais, eu já não queria mais as palavrinhas que ele passava. Eu queria que ele conversasse, eu queria que ele falasse comigo como qualquer pessoa que estivesse falando português. E a partir daí me apaixonei. Isso porque eu tava na quinta série, que naquela época ainda chamava de quinta série né.

P2: Sim... Ah eu tenho uma memória na cabeça também, de uma paixão que se desenvolveu pelo inglês na minha infância.

P3: Exatamente. Então eu ouvia, e não sabia se a pronúncia estava correta ou não, eu achava lindo. “Ai, que lindo, gente, como ela fala bonito, olha a pronúncia”.

P4: Eu lembro muito da minha professora da escola regular, que era uma escola pública que não tinha... não era uma aula “aquela aula”, ela não dominava tanto a língua, mas eu era apaixonada, então eu amava aquelas aulas.

Todavia, a escolha pela profissão e a formação identitária dessas professoras de LI foram sendo elaboradas e construídas a partir de situações que podemos chamar de corriqueiras na trajetória de quem atua em cursos livres, sendo elas: (a) a indicação pela gestão da escola devido ao destaque enquanto aluno ou ao convite para trabalhar, com seu destaque como falante; (b) gosto e interesse pela língua; (c) necessidade de trabalhar e obter uma renda financeira, até que a profissão almejada seja alcançada, como é o caso de uma de nossas participantes que se prepara para atuar na área de Direito, assim que finalizar sua graduação.

Trouxemos como destaque as seguintes falas que explicitam a situação apresentada acima:

"P1: Com certeza, eu sempre fui apaixonada pela língua e me destacava quando era aluna [...], sempre me dediquei, sempre estudei. Acho que por isso fui contratada pelas escolas".

"P2: Aí que eu fui desenvolver uma perspectiva diferente do lecionar, né. Porque eu tinha paixão pela língua e tinha paixão pela cultura, aquilo tinha tido um impacto né, que nem a gente até conversou sobre ser da minha identidade, só que eu nunca tinha tido a experiência de lecionar em si. Foi aí que eu comecei a fazer a junção né, entre a paixão pela língua mais o lecionar".

"P3: E aí, eu fiquei tentada, mas falei: "não, professora? Que isso. Nunca fui, nunca pensei em ser, poxa"! Aí, fui me interessando, realmente gostando, "olha que bacana, que legal a disciplina". E aí, quando começou na primeira turma do PIBID... surgiu (como voluntária do) PIBID, aí, como eu não trabalho lá fora (inaudível). Falei: "Ah, então é uma oportunidade da gente ver isso, realmente, na sala de aula, como é que vai funcionar". E foi. Daí eu comecei a fazer aqueles estágios do programa PIBID, na sala de aula das escolas.

"P4: Tá. É... (risos). Foi um pouco, assim, de pressão também... da minha mãe. Porque assim, eu amava inglês, amava, ver os filmes, queria viajar o mundo e tal. Só que a minha mãe, ela pensava muito assim: "Nossa, paguei um curso e você precisa utilizar isso agora. "E lá no Fisk, a proprietária já tinha comentado comigo sobre essa possibilidade. Ela já tinha me falado: "você não tem vontade de dar aula, não?". Eu falei que nunca tinha pensado, falei talvez. E foi desse jeito! Eu tava com 17 anos na época".

Julgamos, então, nessa perspectiva, que a escolha dessas professoras pela profissão se deu nos seguintes termos: (a) admiração pela língua e vontade de ensiná-la; (b) convite para ensinar devido ao destaque como aluna ou falante; (c) relacionar experiências entre a vivência com a língua e o processo de ensiná-la. Percebemos, de acordo com o panorama de avaliação das participantes, que, em alguns momentos, os professores de LI de cursos livres são chamados de 'escolhidos pela profissão'. Esses profissionais são apresentados a essa profissão por meio das circunstâncias e do olhar do outro, que percebe nele a intimidade com a língua e, talvez, por isso, há uma certa

pré-disposição para ensiná-la. Entendemos que essa possa ser uma marca em comum entre os professores de LI de cursos livres, não sendo esse fator, entretanto, uma regra. Notamos similaridades na fala das entrevistadas com o gosto e admiração pela língua, com destaque em sala de aula ou na sociedade como falante de LI e convite para lecionar.

Uma outra preocupação ao trabalhar com as professoras entrevistadas foi a de buscar a existência ou não de uma consciência social e cultural ao ensinar. Percebemos que, durante as entrevistas e também durante a roda de conversa, essa questão não é amplamente refletida por elas. Notamos, no primeiro momento, que, ao falarmos em questões sociais, o que vem à tona são conjecturas que remetem às viagens e à inserção cultural por meio delas. Durante a roda de conversa, esse fato nos chamou atenção pelas seguintes colocações de P1 e P2:

P2: Eu acho que a P1 tem mais contato com a questão social, que nem eu falei, acho que falei na entrevista, a questão social no meio em que a gente tá inserida ali é muito elitizada. Então assim, aqueles alunos, o nível daqueles alunos, já é um pouco elevado, eles já têm um conhecimento de mundo diferente.

P1: Às vezes nem se preocupa com isso né. E para gente impactar um aluno, que nem você falou, que já tem um acesso...

P2: [Que viaja... P1: É bem difícil...

P2: Ele já viajou mais do que eu ((risadas))...

Entendemos que a visão das professoras envolvidas nesses discursos, esteja ligada ao discurso de Cox e Assis-Peterson (2017, p. 2), no qual as autoras argumentam que essa hegemonia da LI, que fora enraizada no período colonial, tem sua promoção e sustentação por meio das estruturas materiais ou institucionais e também por argumentos ideológicos que relacionam o ensino da língua no mundo e fins capitalistas. Observamos que, segundo as falas apresentadas, as ideias de se ensinar uma LI sejam voltadas para que o indivíduo ascenda socialmente por meio da língua e possa fazer viagens, conhecer o mundo, enfim, usufruir da língua para ratificar sua posição social e financeira.

Considerações Finais

Neste trabalho, longe de encerrarmos as discussões, nos preocupamos fundamentalmente com o professor de LI que atua em cursos livres e os meandros pelos quais esses profissionais perpassam, a fim de definirem suas identidades, se é que em uma era pós-moderna seja pertinente falar em definição de identidades, já que

entendemos que as identidades são flutuantes e passíveis de mudança a qualquer momento a depender de nosso convívio social e de nossas experiências.

Analisamos a trajetória de quatro professoras do Curso livre CCAA da cidade de Gurupi/TO e, ao longo das suas narrativas, percebemos um entrelaçar em suas histórias que convergiam em alguns momentos para características similares, como a ligação afetiva com a língua e o modo como elas iniciaram na carreira de professoras de LI.

Dada as narrativas que foram, em certos momentos, construídas por fios discursivos tão similares, pudemos além de agir como pesquisadoras, nos ver como parte integrante desta pesquisa, uma vez que entendemos que seria impossível me despojar de minhas próprias experiências, crenças e identidades enquanto professora de LI e falante da língua do "outro". Na fala de cada participante há fragmentos que um dia fizeram parte de nossas construções identitárias sobre e na docência em LI.

É essencial que o professor de LI se reconheça, se auto-avalie e reflita sobre esses contextos em sua fase de formação acadêmica, pois, durante esse passeio pelas memórias e histórias dessas professoras, ficou destacado o quão inacabadas são as identidades desse sujeito professor de LI. Identificamos ainda um movimento de ir e vir e também de incertezas, ou seja, de constantes transformações pelas quais elas passaram e continuam passando: um processo de construção identitária fragmentado, líquido e fluido.

Em suas falas, essas professoras conseguiram trazer à tona tons de insegurança, de desconhecimento e, até mesmo, de algumas frustrações. Mas também trouxeram desejos, alegrias, admiração e sensações que seriam difíceis descrevê-los pelo fato de ser impossível avaliá-las dada a complexidade das emoções humanas e a maneira como elas se apresentam mesmo que seja nas entrelinhas de suas falas. Fato é que essas falas, mesmo que inconscientes, apresentam as várias vozes que constituem suas identidades.

Nos dizeres das professoras, entendemos que P1, P2, P3 e P4 carregam consigo conflitos identitários que subjazem a vozes e a olhares que participam de suas construções enquanto professoras de LI. Observamos, nessa mescla, as vozes de julgamento e de idealização sobre o professor de LI, da formação acadêmica, por vezes falhas, as vozes de suas crenças, engessadas dos manuais de trabalho, mas também a voz do seu próprio eu-falante de LI, que ecoa a cada vez que elas se 'despem' de todas as outras vozes e 'aparecem' como que em um movimento de subversão.

De acordo com os resultados da pesquisa, percebemos que as questões identitárias dessas professoras que lecionam em cursos livres perpassam por caminhos que vão desde a afirmação de sua própria individualidade, enquanto profissionais de

línguas, até a busca das escolas que procuram por profissionais treinados dentro do padrão desejado por elas. Elas estão, desse modo, inseridas na cultura do método, para o qual, o bom professor é aquele que o aplica corretamente. Entretanto, essas professoras, ao mesmo tempo em que têm suas reservas quanto ao uso da metodologia e todo esse 'engessamento' apresentado aqui, acreditam na eficácia do mesmo para a efetivação suas aulas.

Por todos os aspectos apresentados, julgamos que os resultados dessa pesquisa podem contribuir de forma produtiva com as discussões em torno das formações identitárias dos professores de LI, tanto de cursos livres quanto de outros espaços de trabalho. As discussões aqui sugeridas voltam seu olhar para questões identitárias importantes relativas a esse professor que representa uma classe que gera indagações em torno de sua formação e atuação, bem como de suas habilidades e influências em uma sociedade globalizada.

Referências

- Barcelos, A. M. F. (2001). Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In Gerhardt, A. F. L. M., Amorin, M. A., & Barcelos, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 1(1), 71-92.
- Barcelos, A. M. F. (2000). *Understanding teachers and students language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach*. Tese (Doutorado) – The University of Alabama, Tuscaloosa.
- Barcelos, A. M. F. (2015). Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions, and identities. *SSLT, Kalisz*, 5(2), 301-325.
- Barkhuizen, G. (2017). *Reflections on Language Teacher Identity Research*. New York: Routledge, 18-23.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com Texto: imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bauman, Z. (2005). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Celani, M. A. A. (2006). Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão. In Leffa, V. J. (Org.) *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 23-43.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 8. ed. São Paulo: Cortez.
- Costa, Rosemeire Parada Granada Milhomens da. (2014). *Crenças sobre o professor de LI: uma análise de diferentes relações estabelecidas em atos de fala de professores em pré-serviço*. Dissertação (Mestrado). 142f. Universidade Federal de Tocantins, Araguaína.
- Cox, M. I. P., & Assis-Peterson, A. A. de. (2017). Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *Calidoscópico*, 5(1), 5-14.

- Cox, M. I. P., & Assis-Peterson, A. A. de. (2001). O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação. *Linguagem e Ensino*, 4(1) 11-36.
- Day, C., Qing, G. Teachers' Emotions: Well-Being and Effectiveness. In Schutz, P. A., Zembylas, M. (Eds.). (2009). *Advances in Teacher Emotions Research: The Impact on Teachers Lives*. New York: Springer, 15-32.
- Kalaja, P., & Barcelos, A. M. F. (Orgs.). (2003). *Beliefs about SLA: New research approaches*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Leffa, V. J. (Org.). (2006). *O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat.
- Leffa, Vilson J. (2012). Identidade e aprendizagem de línguas. In Silva, K. A. et al. (Orgs.). *A Formação de Professores de Línguas: novos olhares*. São Paulo: Pontes, 51-81.
- Olabuenaga, J. I. R., & Ispizúa, M. A. (1989). *La descodificación de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Moita Lopes, L. P. (2006). Discursos de Identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In Signorini, I. (Org.) *Língua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado de Letras, 303-330.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37) 7-32.
- Paiva, Vera Lúcia Menezes. (2010). A LI no Brasil e no mundo. In Paiva, Vera Lúcia Menezes. (Org.). *Ensino de LI: Reflexões e Experiências*. Campinas: Pontes editores, 9-27.
- Rajagopalan, K. (2005). A geopolítica da LI e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In Lacoste, Yves; Rajagopalan, Kanavillil (Orgs.) *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editora, 135-157.
- Rajagopalan, K. (2014). O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país. In Correa, D. A. *Política linguística e ensino de língua*. São Paulo: Pontes, 73-82.

ABSTRACT:

This article is part of the field of Applied Linguistics and aims to discuss the self-reflection of the English Language professional (ELT), that is, the delineation of their identities, considering the scenario of post-modern globalization. This is a case study of a qualitative nature in which four teachers named as P1, P2, P3 and P4, from a non-formal learning English school in the town of Gurupi, in the state of Tocantins, were interviewed. The overall objective is to get to know language school professionals, as well understand how they deal with their own identities as ELT teachers and with the cultural and social responsibility of teaching a foreign language. The theoretical support for this work was anchored in theorists such as: Bauman (2005), Celani (2006), Leffa (2012), Rajagopalan (2014) among other. The results showed that the participants had an intimate relationship of admiration for the language, and that social and/or ideological issues that permeate the identities of these professionals are topics that are little discussed and relatively new to them, therefore, causing a precarious reflection in its pedagogical praxis.

KEYWORDS: English Language Teacher; Identities; Emotions; Profession.

RESUMEN:

Este artículo se enmarca en el campo de la Lingüística Aplicada y tiene como objetivo discutir la autorreflexión del profesional de la Lengua Inglesa (ELT), o sea, la delimitación de sus identidades, considerando el escenario de la globalización posmoderna. Se trata de un estudio de caso de carácter cualitativo en el que fueron entrevistados cuatro docentes nombrado como P1, P2, P3 y P4, de una escuela de inglés de la localidad de Gurupi, en el estado de Tocantins. El objetivo general es conocer a los profesionales de las escuelas de idiomas, así como comprender cómo se enfrentan a sus propias identidades como profesores de ELT y a la responsabilidad cultural y social de enseñar una lengua extranjera. El sustento teórico de este trabajo estuvo anclado en teóricos como: Bauman (2005), Celani (2006), Leffa (2012), Rajagopalan (2014) entre otros. Los resultados mostraron que los participantes tenían una íntima relación de admiración por el lenguaje, y que las cuestiones sociales y/o ideológicas que permean las identidades de estos profesionales son temas poco discutidos y relativamente nuevos para ellos, por lo tanto, provocando una precaria reflexión en su praxis pedagógica.

PALABRAS CLAVE: Profesor de Idioma Inglés; Identidades; Emociones; Profesión.